



Maria Alice Leite de Pinho e Silva

ÍNDICE

breve apresentação

a dança do tempo, o ciclo das
estações

paisagem I

arrepios de alma - 5

vozes

memórias que a memória traz

outros natais

carta póstuma a um passado
distante

arrepios de alma I

as pregas que os dias vincam nos
sonhos

da coincidência dos nomes

Melk, ainda Melk

* Professora do 8º grupo A (código 3000) da Escola Secundária de José Estêvão Aveiro

* Funções que desempenha no presente ano lectivo:

- professora de Literatura Portuguesa, 11º ano

- professora de Área de Projecto, 12º ano

- Directora de Turma

- colaboradora da Biblioteca Escolar/ C. de R.

* Habilitações: Mestrado em Estudos Portugueses pela Universidade de Aveiro

* Data de nascimento: 21/7/1956

Perfil (à moda de Bocage)

Morena. Alguns sinais de idade madura.

Olhos castanhos. Duas vezes mãe. Casada.

Profe de Português- Língua e Literatura.

Por mais que diga, tudo será nada.

De nascimento, vareira; aveirense por paixão.

Angolana até aos dezanove,

Cidadã do mundo por convicção,

Viaja sempre que pode...

Teimosa, persegue a sabedoria;

De livros e bibliotecas amante,

Música, poesia, coisas sérias ou tolice.

Vem com interesse, prazer, curiosidade, alegria.

E porque a vida é um instante,

Completa o perfil seu nome: Alice.

Aveiro, 14 de Outubro de 2007

A dança do tempo, o ciclo das estações

Sábado foi dia de ir às cerejas.

Gestos remotos de Maio anualmente repetidos em renovada e perpétua tarefa - como quem coleciona finais de frases para as retomar mais tarde. Imagens em trânsito que regressam incessantes, reiteradamente. Fragmentos de pessoas, rostos, silhuetas. Chegam dos lugares da escola, do liceu, da juventude, de mais longe ainda, da infância... Rastos de outrora no limiar de metamorfoses por vir. Trajectórias de vagabundagens e aventuras no tempo em que colhíamos outros frutos ...

Por isso, sábado foi dia de ir às cerejas - como quem trepa a uma pitangueira e colhe maboques com aroma de goiabas e sabor a loengos...

22/Maio/06

Paisagem (I)

Nas difusas lembranças em que descansamos os olhos,
perduram exactas paisagens que dão sentido à vida:

Anduvas a debicar pitangas por entre rumorosas ramagens;
verdes goiabas amadurecendo gostosos odores no calor do planalto;
morros de salalés esvoaçantes em pleno sol;
troncos de árvores de golas brancas espreitando cacimbos.

E um rio... um rio caudaloso e cantante a escoar sonhos...

Lá, onde se aquieta o inquieto coração...

30/4/06

ARREPIOS DE ALMA - 5

Pelas 8 horas já ele nadava sozinho no mar-quase-lago. Meio golfinho, meio torpedo, 30 minutos foi o tempo que o homem ocupou a singrar aquelas águas aniladas pela luz da manhã de Agosto – concentradamente, em largas voltas metódicas.

Depois, o homem saiu para o espaço, meio cambaleante, pisando o chão de pedrinhas e conchas, dirigiu-se ao chuveiro, ali mesmo na berma do mar; inclinando a cabeça para a esquerda, tirou os óculos de mergulho azuis e a touca de silicone verde que lhe cobria o cabelo já ralo e grisalho; sacudiu-se e, num esforço desajeitado, vestiu o roupão acastanhado. A seguir, o homem sentou-se na cadeira de campismo, à sombra de um cedro arredondado carregado de sementes. Já então resfolegava de satisfação e murmurava repetidamente :

-Sehr gut! Das ist gut! Super!

Depois, o homem pôs-se a olhar em frente, a fitar os barcos, as árvores e o palácio do marechal Tito no recorte longínquo das ilhas de Brijuni. Quieto e calado, assim esteve o homem - a afagar farrapos de lembranças, a resgatar sombras do passado, quem sabe?... Até que se levantou e se preparou para repetir o ritual e mergulhar de novo; duas horas haveriam decorrido.

O homem não tinha um braço.

Porque conto isto? Quando era pequena, íamos fazer alguns piqueniques domingueiros à Praia Verde. À sombra de uma frondosa mulemba, arregalava muito os olhos quando vislumbrava uns círculos na lagoa-quase-mar; então, via ao longe um “sékulo”, que nadava afoitamente, sozinho, enquanto entoava uma cantilena dolente de que ainda sei o refrão – Uá Mãmã Ué,/Uá Tátá Ué.

Dizia-se que o braço que lhe faltava – o direito - lhe fora arrancado por um jacaré, algures na correnteza do rio Mêmbia, a montante da barragem do Andulo, aquela mesma onde ele agora nadava, indiferente às pequenas cobras-d´água acastanhadas que deslizavam no chão lodoso junto à margem.

Fev/2009)

VOZES

"O que a memória amou fica eterno".

Adélia Prado

Correm (semi)esquecidas, quase obscuras, as memórias - serpenteando como leitos sinuosos de um rio e seus afluentes. Surpreendendo-nos quando menos esperamos, porque, acreditem, as correntes também sobem da foz para a nascente. Assim se encontra o que se julgou um dia perdido e apagado para sempre.

Há dias, fazendo um zapping sonolento, antes de adormecer, parei distraidamente na RTP África. Deixei-me ficar a ouvir de olhos fechados, absorta e preguiçosa. Uma das duas vozes femininas soou-me familiar – vagamente, muito vagamente. Pus-me à escuta, com mais atenção, familiar, sim, conhecida, cada vez mais distinta, muito próxima... Olhei o écran... Não, não conheço... uma senhora bonita e elegante, 70 anos, talvez, mestiça crioula... Tão estranhamente familiar... Não, não sei quem é...

Mas a voz continuava a deliciar-me o ouvido, numa sinfonia de encantamento, melodiosa, enfeitiçadora, irresistível. Pausadamente, falava entusiasmada e segura sobre as políticas educativas e a formação de professores em Cabo Verde ... Espera, se calhar, quem sabe... A entrevista terminava, a jornalista agradecia a presença da sua convidada... Dei um salto... Decifrou-se o mistério – Dra Maria Antónia Alfama, inconfundível caboverdiana, bonita e elegante, minha professora de História e de Português há 40 anos atrás, sensivelmente; na cidade de Silva Porto, distrito do Bié, província de Angola, no Liceu Nacional Dr Silva Cunha.

Sorri e deitei-me, feliz. Toda a noite sonhei ao som daquela voz. Andei lado a lado com a padeira de Aljubarrota, dei o grito do Ipiranga, ajudei Diogo Cão a levantar o padrão na foz do Rio Zaire, prestei vassalagem a Nzinga Mbandi Ngola, a rainha Ginga, fui mais uma vez à Embala de Belmonte, não muito longe de casa, ver a bandeira do Sertanejo. Declamámos o "Mostrengo", de Fernando Pessoa, o "Batem leve, levemente", de Augusto Gil, e declinámos os verbos regulares e irregulares... Talvez tenha lido os textos da antologia... Revi a escola e o recreio. Não sei se reconfigurei a turma toda – Que estranho!... Qual seria o meu nº na pauta?

Eu não disse? Nos leitos dos rios há palavras e vozes ocultas em recantos de silêncios que nos surpreendem. Inesperadamente.

25/2/2009

Memórias que a memória traz

A todos os bienes de alma e coração

"O tempo é a maré que leva e traz
o mar às praias
onde eternamente somos"
(Ruy Belo)

Fecho os olhos cansados e rebusco nas “telas da memória” Kufungulula...
kufungulula...

Volto aos sonhos da meninice perdida no capim das picadas à caça de
gafanhotos gigantes e salalés, lá para os lados das xitacas.

Saltito sobre trilhos de kissondes assanhados sob abóbadas de arco-íris
tropicais.

Retorno aos caminhos antigos de tabaibos maduros e espinheiras bravas,
loengos silvestres, kassússuas e lumuinhos do mato, maracujás e mamoeiros
em flor, maboques amarelinhos em bolas redondas, rubras pitangas em cachos
balouçando livremente nos galhos das árvores — da vida.

Deambulo pelos bairros ancestrais e intocados de uma infância traquina e de
uma adolescência que não sabia dourada.

Como eu queria voltar a sonhar e a rir no centro desse imenso paraíso!... Lá,
onde as ruas eram largas e o chão de terra avermelhada, espreitando cajus e
múkuas ressequidas ao vento, quase a soltarem-se, velhos leques de coqueiros
e dendém, seculares mulembas arredondando-se em sombras, velhos troncos
de embondeiros apegados ao solo, à vida e ao céu. Cafezais floridos. Floridos
campos de girassol e algodão. Quimbos. Cubatas. Lavras de mandioca, batata-
doce, quiabo, feijão-macunde.

Repito brincadeiras nas mangueiras ou nas cassuarinas em busca de pirilampos
ou martrindindes cantores, de anduvas coloridas e piriquitos macios e meigos.

Sonhos de infância e adolescência, chipipas desfazendo-se em flocos de
sumaúma leve, leve, levezinha...

Havia kissângua em início de fermentação. Havia barras doces de ginguba bem
torrada. Havia goiabada acabada de fazer. Havia matete. Havia cana-doce.
Peixe-seco com gindungo queimoso. Suanga. Pirão comido às bolas moldadas
entre três dedos da mão gulosa. Havia os sabores e os cheiros e os sons do
nosso encantamento. Havia rostos e almas e corações de muitas cores e raças.

Havia lagoas com pedras e cobras d'água, rios de jacarés remexendo
correntezas, vultos fugidios de animais selvagens nas savanas e vozes
quebrando silêncios; ecos de batuques, conversas e cânticos nas sanzalas.
Havia chuvas tropicais serenando queimadas nas anharas ao anoitecer.

Havia as esperas e as demoras, as partidas e as chegadas do comboio-mala e do camacôve em apeadeiros de esperanças.

Havia olhares perguntadores. Compêndios de vida onde quase não cabia a morte nem a tristeza. Futuros promissores em quindas-berços, agasalhos-de-apenas-sonhos: sem temores de incógnitas, sem aflições, porque nenhuma treva faria sentido a ensombrar-nos as luas-cheias de fantasias.

Era tempo de sol sem comprimento, ardente, acolhedor; e de dias longos... Era tempo de quase-sempre-verão e de cacimbos-às-vezes... Era tempo de poesia, de amizades, de correrias, passeios e repousos no tempo do nosso deslumbramento.

Dos verdes anos, "no antigamente da vida", ficou uma crepuscular poeira onde se vislumbram nomes e rostos que conservámos definitivamente amigos...

Kufungulula...

(Abril/2004) publicado em www.sanzalangola.com

Outros Natais

Um som fraterno de quissange dolente envelhece em notas silenciosas, eternas como as pedras, para sempre eternas, ecos de indelévels melodias.

Acácias e cassuarinas emolduram o caminho de regresso ao passado. Eis-nos de novo, neste difícil e frio Dezembro europeu. Tão frio.

Junto ao regato, por trilhos de areia ladeados de pedrinhas e trevos de quatro folhas, nos angolanos presépios da nossa infância, crescia livre a vida, embrulhada em sonhos de criança. Da árvore de Natal - que era sempre um cedro e não um pinheiro - exalava um perfume intenso e cheiroso como a candura da meninice pendurada em balões e chocolates, tão quente, tão doce, como as redondas laranjas, inseparáveis das macias memórias desses natais distantes. Acontecia isto quando a realidade era o que a fantasia permitia que ela fosse. Lá longe, tão longe, no tempo em que Dezembro se vestia de quentura e dispensava agasalhos.

Hoje somos a grande ilha de saudade onde sobram enfeites e prendas na árvore de Natal que já não é um cedro oloroso. Mas o sol insiste em tecer Outonos e Invernos, mesmo quando as festas são menos mudas. Fazemos tréguas com o passado, ainda que haja o peso de um bloco de saudade no lugar do coração. E resistimos, re-inventando afectos.

Nos sorrisos desenhados de ternura, fica sempre um pedaço de mundo por contar.

24/Dez/04

Carta Póstuma a um Passado Distante

Rompe a dimbira em notas soltas e silenciosas. Devagar. Cinco dedos em cada mão dedilhando cordas na distância imprecisa da ausência.

Penso em ti, ó vida! És sonho interrompido que se continua tecendo como um belo pedaço de paraíso saído directamente dos tempos antigos. Recordo-te. Escolho refugos. Fragmentos dispersos. Reconstituo rostos e nomes. Minuciosamente. Reconstruo ruas e bairros, passos e corridas. Peça a peça. Pacientemente, tentando preencher lacunas. Fantasmas fugidios e inquietos. Labirintos. Recrio. Invento. Reinvento. Lembro. Remexo nos sulcos sedimentados das telas onde escapam tantos traços já diluídos. É difícil imaginar-te no presente: situas-te num passado cada vez mais recuado em tonalidades esbatidas. Perda incólume de primaveras interrompidas feitas outonos precoces. Vida balouçada numa teia de que se partiu um fio – não se desfez inteiramente, cambaleia, permanece. E aí cabemos nós e cabe o sonho dentro de nós.

Tudo tinha um sentido. Passageiro e efémero, afinal!...

Corre um fio de saudade nas margens da ternura com que te pressinto. Foste a exaltação e o enlevo de adolescentes descobertas. Sobressalto e acalmia. Lábios entreabertos respirando quietude e alegria. Olhares faiscando aconchegos e esperanças. Tempestade. Doçura de sol poente. Fugidio encontro – tão breve!

Estranho rumor da cadência de ecos perdidos. O canto lavado dos eucaliptos após a chuvada tropical. A infância chapinhada de luz em terra vermelho-ocre. O gesto de colher goiabas quentes e luzidios loengos.

Entre as mãos, apenas as memórias dormem, amaciadas pelo tempo – sonhos preenchendo o vazio entre o que de ti sobra e a dureza dos dias que te seguiram...

Devagar. Rompe a dimbira em notas mudas. Chora de mansinho ao som nostálgico do quissange dolente. Ensaia toadas dos Natais de outrora...

21/Dez/05

ARREPIOS DE ALMA -1

Do delta, subirás ao longo do vale verdejante, em contra-corrente. Balançando entre a curiosidade e a inquietação. Lentamente, absorvendo o ar fresco da manhã. Veias para cá, para lá; artérias para lá, para cá; até ao lugar do coração.

Postos, enfim, os pés na poeira da terra seca, sob o calor escaldante do sol e do medo, caminharás por ruelas empedradas com brancos calhaus rolados. Elas te conduzirão ao centro, até ao lugar do coração - da alma. Ei-la, a Stari Most, "lua petrificada". Assombro e fascinação. Ansiando pela sombra, molharás, então, os pés escaldantes na água límpida e fria do Neretva. Sagração. Ritual impulsivo de purificação a que não resistirás, absoluta e vital necessidade de respirar fundo, de (re)ganhar forças e coragem para erguer os olhos, encarar a realidade, os sinais dela, para além dela.

Retomarás a caminhada. Raiva. "Don't forget 1993". Espectros de outros tempos, tão incrivelmente cruéis e sanguinários. V-E-R-T-I-G-E-M. Trevas. Melancolia e apaziguamento. Esperanças de novas eras. Luz. Claridade. Ouvirás os sussurros. As vozes. Os "muezzin" e o toque dos sinos. Os Homens e as religiões. Verás. As casas. Os templos. As ruas. As vielas. Os cemitérios. As montanhas. A vida e a morte. A ruína e a reconstrução. A guerra e a paz. O rio. A ponte, outra vez e outra vez a ponte, o lugar do coração. Para cá, para lá. Palavras caladas. Olhares furtivos. Rostos introvertidos. Passos fugazes e silenciosos. Tímidos sorrisos, tão tímidos.

(Mostar, Mostar! Na ponte que te guarda o coração, ficou um pedaço de mim...

Em 10 de Agosto de 2008.)

As pregas que os dias vincam nos sonhos

**A Jean Cautin, muito especialmente,
porque muitas coisas se embrulham com as prendas de Natal: uma
carícia, uma conversa, um gesto, um beijo, um abraço, a amizade, a
ternura, a gratidão, o tempo, o mundo ... o coração escondido na palma
da mão.**

Impossível não olhar para trás... há portas no passado que não chegamos a fechar definitivamente.

Galgando os limites do tempo e do espaço, eis que chegam, por mãos desconhecidas e que se fizeram amigas – pitangas, goiabas, maracujás, tomates da Índia e uma anona gigante – fruta fresca de outrora, em festa – supremíssima surpresa, deleitosa alegria!

Andam cheiros tropicais passeando pela sala; sei que estão apenas de passagem; mas enquanto duram, em vistoso centro de mesa, adornei-lhes a perfeição em vistoso centro de mesa, na companhia de três abacates, uma mão-cheia de cassússuas, uma papaia e um abacaxi de coroa sorridente. Três proteas, rainhas da garrida mancha de cores e sabores, rivalizam, felizes, com o azevinho remetido para o móvel ao lado.

Repousam mais calmas as saudades na ponte de afectos tecida de uma margem à outra. Recortam-se melodias em lavas de rocha mais sedimentada onde ouço a fantasia de outros cantares – N'Gola Ritmos, Elias Diakamuezu, Duo Ouro Negro, Bonga...

Apetece celebrar a amizade num soprar de velas, as velas deste Natal!

E pensar que tudo isto está apenas à distância de um abraço!

20 /Dez./06

Da coincidência dos nomes

Seguiam pela tarde mansa, a caminho do anoitecer. Apetecia-lhes regressar aos cálidos mergulhos de mar, incontáveis na última semana. Depois, ela iria seguir o caminho das estrelas e da lua, deitada na cama de caruma que improvisara no rochedo-ilha alcandorado sobre a pequena baía de cheiro a sal, a mel, a figo e a resina – um mundo só seu, antes de adormecer.

Tinha sido uma jornada de emoções muito fortes, quase insuportáveis algumas; em jeito de balanço, conversavam (uma vez mais) sobre o fanatismo, a intolerância, o absurdo, naquele dia a revelar-se (ainda) em tão cruéis evidências. No meio da povoação silenciosa, um estranho largo terraplanado, despido; parecia ter sido recentemente composto, soava a falso. Edifícios já recuperados, a adivinhar, pelos sinais de obras inacabadas. (- À pressa, reconstrução atamancada! - disse ele)

Ela - Que terra é esta?

Ele – Nem reparámos na placa!... Vínhamos distraídos... melhor, ocupados com a conversa...

Atravessavam a ponte.

Ela, de súbito, erguendo a voz, como que a afagar tristezas: - "Vejam bem, que não há só gaivotas em terra, quando um homem se põe a pensar. Quem lá vem, dorme à noite ao relento na areia, dorme à noite ao relento no mar... E se houver uma praça de gente madura... ". Aquela música assaltava-a sempre em momentos inexplicavelmente misteriosos, desde que a aprendera há 34 anos. Seguida invariavelmente de outra, sempre essa mesma:

Ela – Muxima ue ue, muxima ue ue, muxima Muxima ue ue, muxima ue ue, muxima. Se uamgambé uamga uami Gaungui beke muá Santana Muxima ue ue, muxima ue ue, muxima ...

Um rudimentar anúncio publicitário e uma placa toponímica na próxima rotunda trouxeram-lhes a resposta.

Ela, gritando – Olha! Gabela! Estamos na Gabela!?!

Ele – Em Gabela? Eu já ouvi esse nome!

Ela – Em Gabela, não, na Gabela. Incrível, é a segunda Gabela que eu conheço. Duas terras tão distantes com o mesmo nome, uma em África, esta aqui nos confins da Europa - como é possível?!

Ele – Tira uma fotografia, depressa, agora, tira!...

A velocidade da rodagem, ainda que branda, a surpresa, o nervosismo, não permitiram fotografia que se veja.

[É preciso escrever sobre a Gabela, é preciso escrever sobre a Gabela, é preciso]

A cidade da Gabela, à beira do rio Nhia, em Angola, está situada no município do Amboim, Província do Kuanza Sul, a nordeste da capital da província, Sumbe, no litoral. Atravessada pelo âmago pelo rio Mazungue, a Gabela está perfeitamente definida pelos rios Cuvo e Nhia havendo outros pequenos ribeiros seus afluentes. No município do Amboim há regiões de savana e florestas densas e húmidas, estas situadas na zona de escarpas. A sede N´Guebela, que na tradução portuguesa se diz Gabela (a palavra significa "braçada"), constitui uma das regiões agrícolas mais ricas de Angola. Assim, o Amboim é sobejamente conhecido devido à excelência do seu café, um dos melhores do mundo, sendo explorados outros recursos naturais, como o mel e a madeira. A 7 Kms da Gabela, encontrava-se a C.A.D.A., Companhia Angolana de Agricultura, que viria a tornar-se uma vila quase fantasma, grande produtora de café, cuja sede era uma pequena vila chamada Boa Entrada, nos tempos coloniais, a menina dos olhos do Amboim-Gabela. O caminho de ferro do Amboim (C.F.A.) fazia o transporte do café de outras mercadorias e passageiros. Inserindo-se num eixo viário estruturante, a estrada da Quibala, a Gabela foi local de devastação e morte numa das batalhas mais pesadas da guerra angolana pós-independência, quem se lembra?

Com uma história longa, também a Gabela da B. i H., é uma pequena cidade que viveu tempos conturbados. Pertencendo ao concelho de Capljina, dista 4 Km de Metkovic e início do delta do rio Neretva, na fronteira com a Croácia. Passa pela Gabela quem faz a estrada ou o caminho de ferro que leva a Mostar, a pequena Istambul do Ocidente, e a Sarajevo. A rota de peregrinação ao santuário mariano de Medjugorje, nas montanhas vizinhas, assume particular relevo no turismo da região; cá em baixo, na estrada Gabela/Capljina/Medjugorje, se barricaram os monges franciscanos que tudo fizeram para preservar a presença e o controlo da diocese católica, no duro ano de 1993. Sob comando de milícias católicas HVO, e apesar da presença da missão do Croatian Helsinki Watch, no centro Gabela, num forte do tempo da romanização, agora arrasado, existiu um campo de concentração em tudo semelhante a Dachau ou Auschwitz; aliás, na região existiram vários – calcula-se que mais de 20.000 "Bosniaks" (muçulmanos bósnios), especialmente mulheres e crianças, ali tenham sido vítimas de marchas forçadas, tortura, fome, humilhação, extermínio em massa e limpeza étnica. De nada valeram as denúncias e os apelos da Cruz Vermelha e de alguns órgãos da imprensa internacional. Que dizer da paisagem circundante desta Gabela? Terras férteis no vale que ora se estreita ora se alarga; algumas grandes quintas no extenso planalto que nos surpreende quando buscamos Medjugorje após a subida da cadeia montanhosa, aventureira, de tirar a respiração; um mundo esquecido, de tranquilidade, verde, mesmo no pino do Verão; frescas águas cristalinas, nos rios e nas fontes; pomares e vinhedos a perder de vista, já recuperados; e muitas plantações de vegetais – as condições climáticas únicas propiciam duas e três colheitas anuais...

[É preciso escrever sobre a Gabela, é preciso escrever sobre a Gabela, é preciso]

Ela: - "Vejam bem, que não há só gaivotas em terra, quando um homem se põe a pensar. Quem lá vem, dorme à noite ao relento na areia, dorme à noite ao relento no mar... E se houver uma praça de gente madura..."

(pausa) "Muxima ue ue, muxima ue ue, muxima Muxima ue ue, muxima ue ue, muxima. Se uamgambé uamga uami Gaungui beke muá Santana Muxima ue ue, muxima ue ue, muxima" ...

Ele: - Já não cantavas essas músicas desde aquela tarde de Agosto!...

Ela, absorta: - Pois não... 10 de Agosto, como poderia esquecer a data? Estive agora a cumprir uma promessa, acabei de rascunhar uma coisita sobre a Gabela... quer dizer, sobre as Gabelas... descobri a razão de ser daquele estranho largo descampado no centro da Gabela B. i H.... guarda mistérios de que ninguém quer falar..

Sentada à secretária, inquieta, ela persiste ainda na cantoria melancólica; imagina-se de novo no Male Ciste, no rochedo-ilha que foi só seu durante dez dias, a adiar o prosseguimento da viagem (- Amanhã partimos?). Tenta, assim, repudiar a penumbra dos dias chuvosos e frios e sacudir memórias embaciadas, destroços silenciosos deixados por marés tumultuosas que a História teima em repetir.

Dez. 2008/Jan. 2009

Melk, ainda Melk

“Es reuete mich, so ich nit hier gewessn wer.” – lamentar-me-ia se não tivesse estado aqui (imperatriz Maria Teresa, em 1743, depois de visitar a abadia de Melk)

... O motivo fundamental que nos levou a Melk? Acho que gostarás de saber...

Foi nesta abadia beneditina do século XI, à beira do Danúbio, que Umberto Eco se inspirou para escrever "O Nome da Rosa" - o jovem monge, aprendiz de William de Baskerville, chama-se Adso de Melk e as descrições ficcionadas dos espaços exteriores e interiores da obra têm claras ressonâncias da espantosa biblioteca, das celas, e do amplo terraço com balaustrada, dos claustros e dos corredores, das fachadas, dos arcos e das colunas, dos mármore e dos frescos, da igreja (esmagadoramente bela!), dos jardins, da colina coroada pela gigantesca e magnífica construção, da floresta, do rio e do canal envolvente, da pequena e antiga povoação, ...

Além disso, Melk insere-se na chamada "Rota dos Nibelungos" : tem, portanto, ligação à mitologia germânica da Idade Média, presente no poema épico escrito por volta de 1200, e à romântica tetralogia dramático-musical de Wagner, "Der Ring des Nibelungen" .

Em Melk nada perturba o silêncio e a paz que te tomam: nem o restolhar dos esquilos furtivos, nem o canto dos pássaros, nem a vozearia dos turistas, nem o toque dos sinos da abadia, nem o vaivém dos barcos de cruzeiro que, subindo e descendo o Danúbio, ali fazem escala, nem a presença dos que, a pé, de carro ou de bicicleta, se embrenham nos múltiplos recantos de paraíso que te circundam.

Foi uma descoberta feliz, quase imprevista, confesso, numa riquíssima rota cultural e literária que nos encantou e nos fez pensar muito na importância da Língua Alemã e na necessidade da sua valorização; enfim, um lugar comovente e inspirador, daqueles que lavam a alma, onde apetece permanecer por mais um pouco que seja...

"Ein Garten
Ein Augenblick
Ein WindHauch
Ein Traum
Eine Sehnsucht
Eim Wunsch
Ein Zustand
Éine Erkenntnis
Ein Lachen
Ein SEIN"

(Inscrição num Sprechenden Stein no pavilhão do jardim da Stiftmelk)